

GABRIEL PEREIRA

NOTAS D'ARCHEOLOGIA

OS CASTELLOS OU MONTES FORTIFICADOS
DA COLLA E CASTRO VERDE.
O DOLMEN FURADO DA CANDIEIRA. RUINAS DA
CITANIA DE BRITEIROS.



EVORA
TYP. DE FRANCISCO DA CUNHA BRAVO
23, RUA D'AVIZ, 25

—
1879



Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Getty Research Institute

NOTAS D'ARCHEOLOGIA

GABRIEL PEREIRA

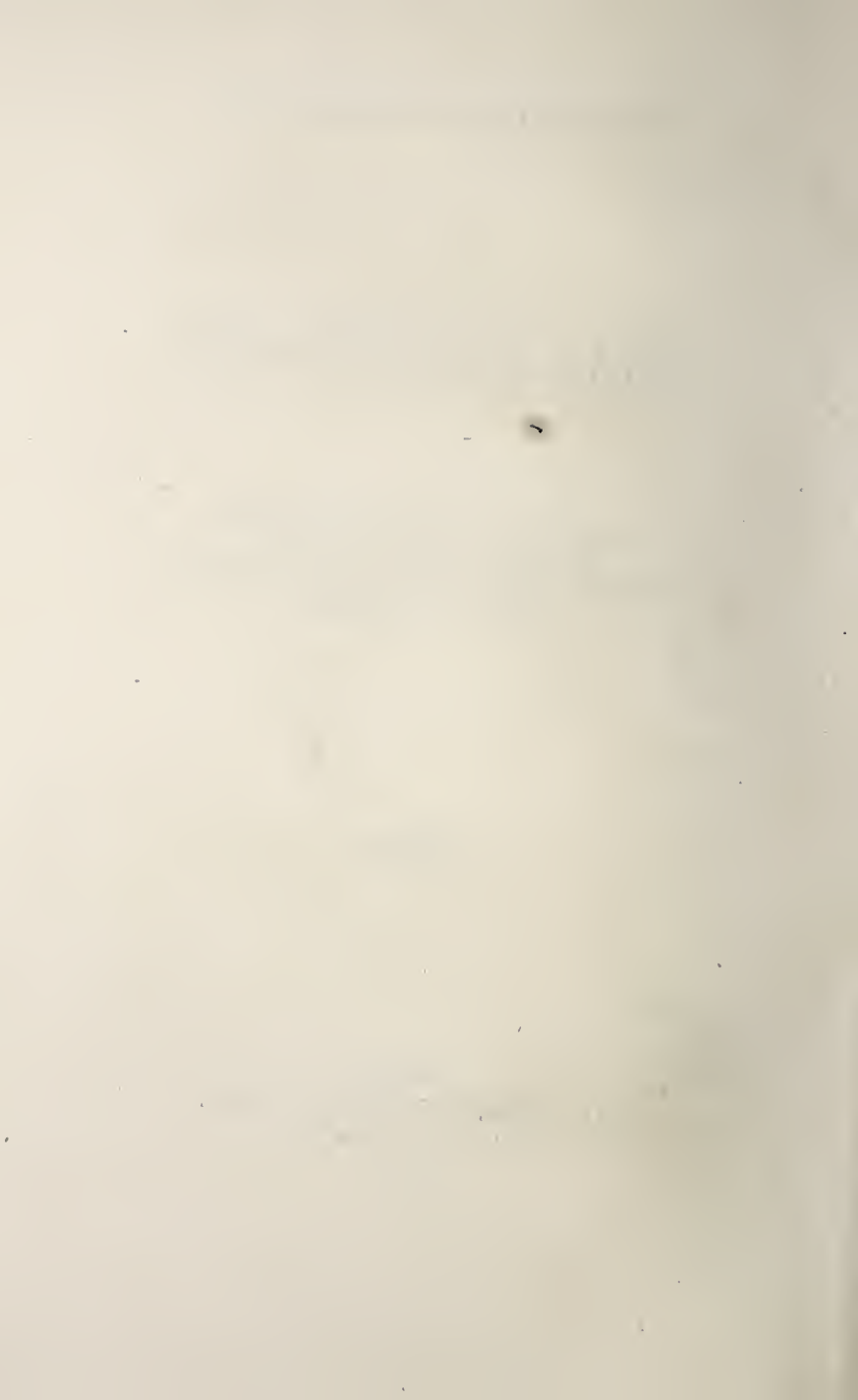
NOTAS D'ARCHEOLOGIA

OS CASTELLOS OU MONTES FORTIFICADOS
DA COLLA E CASTRO VERDE.
O DOLMEN FURADO DA CANDIEIRA. RUINAS DA
CITANIA DE BRITEIROS.



EVORA
TYP. DE FRANCISCO DA CUNHA BRAVO
23, RUA D'AVIZ, 25

—
1879



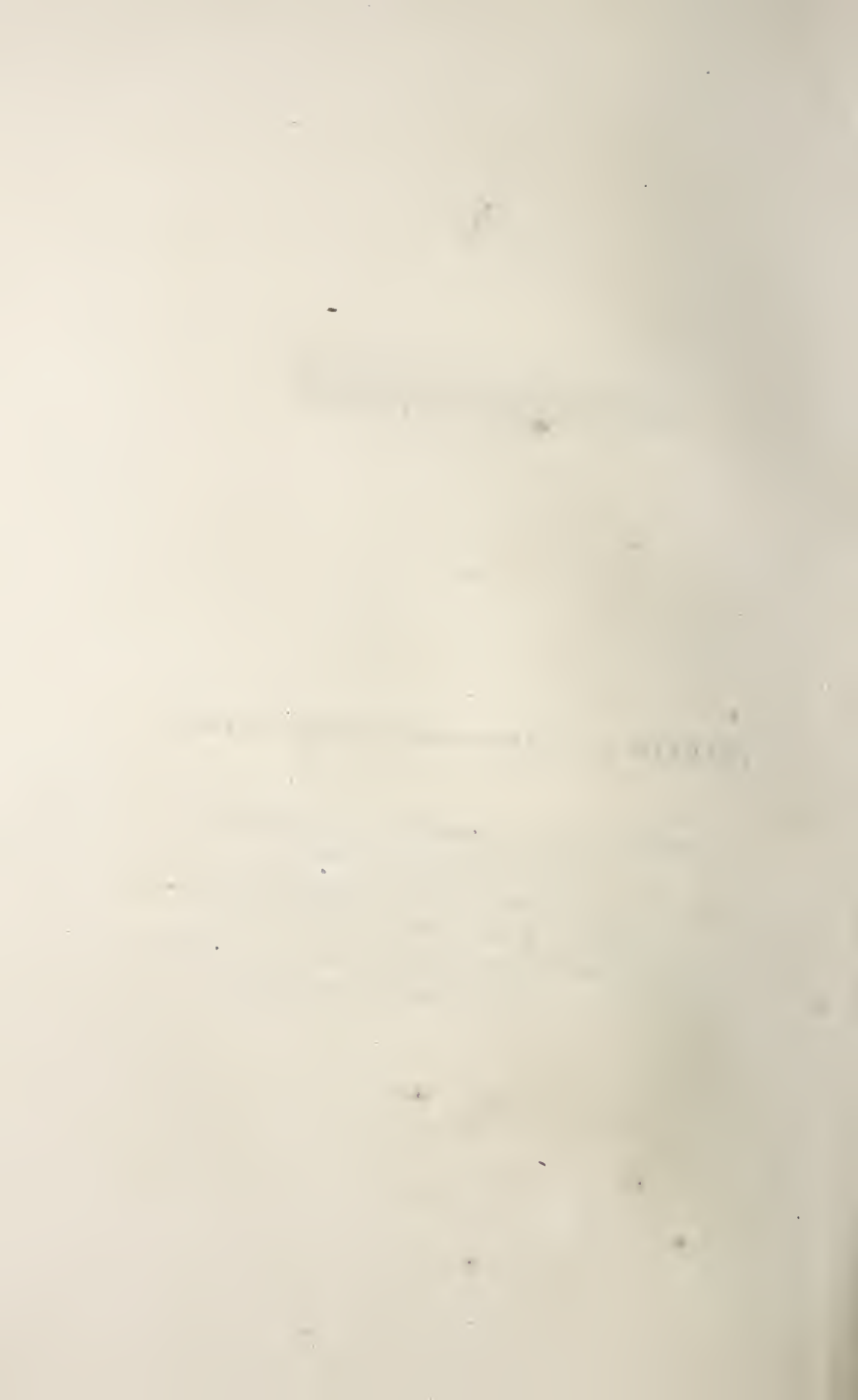
Á

MEMORIA

DE

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA

escriptor eximio e infatigavel, notabilissimo
erudito, athleta no trabalho,
modelo de cidadãos e de funcionarios publicos,
caracter honesto, elevado e benevolo,
exemplo e incitamento a quem lidar em sciencias
e letras, honra e gloria de sua patria.



AS RUINAS DA COLLA

André de Resende na sua obra = De Antiquitatibus Lusitaniæ = diz o seguinte:

DE COLLA

=Colla fuit interius in media Orichiensi provincia, non procul a Messagena, inter colles, nec scio an hodiernum nomen hoc inde traxerit. Non mediocre erat oppidum.

Extant muri et turres cæmentitio opere neque satis polito.

Aditus perdifficilis est, et ad defensionem accommodatus.

Non habitatur. Tantum dominicis et solennibus aliis diebus rusticorum vicinia eo confluit, ad templum Virgini Christi matri dicatum, ubi sacerdos iisdem diebus sacris altaribus operatur.

In angulo turris semidirutæ mensa elegans marmorea =. Resende insere em seguida a inseri-

pção de Caio Minicio, de legião decima gemina, ferido em combate contra Viriatho, inscrição falsa como tantas outras que o bom do meu patricio inventou para gloria da patria, no pensar d'elle, e só para macula do seu nome illustre, que muito mais glorioso seria se não houvesse posto a sua notavel erudição ao serviço de vãs e ridiculas phantasias patrioticas. Esta inscrição vem sob o n.º 431 na collecção «Portugalliæ inscriptiones romanas» de Levy M. Jordão; a pag. 45 das «Noticias archeologicas de Portugal», de Hübner, vers. Soromenho; no artigo Ourique do «Portugal ant. e moderno», de Pinho Leal; etc.

Resende visitou a Colla e o campo de Ourique em 1573, em companhia d'el-rei D. Sebastião.

Pouco mais de dois seculos depois recebiam estes logares outra visita illustre, a de Fr. Manuel do Cenaculo, bispo de Beja, mais tarde arcebispo de Evora. Eis o que elle relata nos=Cuidados litterarios do prelado de Beja em graça do seu bispado (Lisboa 1791), a pag. 384—5: «Uma legua de Castro para o sul, em montanha difficil, no sitio de S. Pedro das Cabeças ha signaes de fortaleza, . . . e d'outras, uma dos Reis, outra das Juntas: esta tinha mais de 1000 passos em roda, e chamam-lhe Juntas por estar na confluencia do Terres e Cobres.

A da Senhora da Colla tem mais de 800 passos em circuito, em uma eminencia impracticavel por todos os lados, ficando n'um delles a junção de duas ribeiras (Odemira, Mariscão).

Nos cabeços dos outeiros que a cercam por dois lados ha vestigios de fortins. A idéa que hoje se pode formar d'aquelles restos, emquanto não se sonda, e nós poderemos adiantar as excavações, é de juizo incerto a muitos respeito: podem ser de romanos, mouros e porventura dos lusitanos velhos que viviam «more spartiano» como diz Strabão.—As muralhas teem 12 palmos de largura, sem a liga vitruviana; em parte são formadas de lages sobrepostas seccamente. A fortaleza da Colla tem como no centro uma cisterna antiga: a cêrca consiste em simples cortina da qual sae de espaço a espaço um obra angular de mui pequena extensão, e talvez seriam seus bastiões.

Ha mais dois espaços e intervallos divididos por dois ante-muraes, sem obra alguma reentrante capaz de fazer enganar, mas tal qual lhes serviria em vez de revelim ou meia lua.

Os pequenos corpos angulares póde ser que servissem para flanquearem as pedras de arremesso. Não apparecem vestigios de ter havido torres, e eram excusadas porque estando as fortalezas a cavalleiro ganhavam quaesquer elevações de terra... Na margem de uma das ribeiras estão por longo espaço as sepulturas; na encosta da montanha achamos 6 sepulturas e algumas de 25 palmos em quadro.

A isto accrescenta Cenaculo que viu um capitel, lapidas sepulcraes de caracteres phenicios ou turdetanos, e os estoques longos sem gume e feitos de aço e cobre bem calcinado com punho pou-

co engrossado e virote chato, pequeno, e que fórma um espécie de orelhas que não pode não ser da mais remota antiguidade=. Numa collecção de 7 gravuras grandes que o arcebispo Cenaculo intitulou=Graças concedidas por Christo no campo de Ourique acontecidas em outros tempos, e repetidas no actual, conformes aos desenhos de suas idades (Lisboa, 1813), ha tres que respeitam ao nosso assumpto.

A estampa 3.^a representa a imagem de pedra primitiva (sigo o dizer ou explicação da mesma estampa) de Nossa Senhora da Colla; tem de altura quatro palmos.

É a meu ver uma singular escultura; não sei o que é feito da antiquissima imagem; parece de um trabalho rude, ingenuo; não superior talvez ao das estatuas gallaicas. Um grande manto cobre a cabeça e envolve a escultura até abaixo, deixando a descoberto o rosto e garganta; largas pregas percorrem o manto; as mãos occultam-se sob o manto, e parece que o rude operario tentou mostrar que ellas juntam ou apertam o manto sobre o seio: os pés não apparecem, o tronco assenta immediatamente na base tosca.

A est. 6.^a é uma planta de Castro Verde, grosseira, os pontos cardeaes invertidos, mostrando todavia as estradas e ribeiras.

Marca os seguintes fortes:

«Forte do coito»; pequeno, muro com 4 angulos salientes e 3 rectangulos, isto é, em tres pontos a muralha está fóra do contorno geral ligando-

se-lhe por meio de pequenos panos em angulo recto. A gravura mostra um circulo inscripto no contorno geral.

«Forte das Juntas.» maior que o antecedente, disposição quasi equal, 2 ang. e 3 rectang.

«Forte grande.» 4 ang. e 3 rect. dois dos quaes são symetricos e flanqueados por um ang. saliente.

«Forte da Amendoeira.» 3 rectang. salientes, isto é, um contorno quebrado por 3 ang. reintrantes.

«Forte da Ribeira.» 3 ang.

«Cabeças de Rei.» representa uma figura formada por quatro arcos de circulo com a convexidade para o interior, e quatro ang. agudos salientes.

«S. Pedro das Cabeças,» onde está uma ermida, 3 angulos salientes e grandes.

Tres destes fortes ou logares fortificados ficam entre as ribeiras, e o das «Juntas,» o mais visinho da confluencia, parece comprehender o terreno de ribeira a ribeira.

Est. 7.^a Plano da fortificação da antiga cidade da Colla. O auctor do desenho quiz combinar a planta com o desenho do aspecto do terreno, com a «vista», e viu-se em difficuldades com tantos montes; de mais este artista não attendeu á estampagem, e o desenho tambem ficou invertido: é preciso reparar para entender bem a planta e vista.

Mostra o castello, o castello pequeno da ci-

dade, e os castelleyos. Sigo os dizeres da estampa. A muralha tem em parte 30 palmos de alto e 14 de grossura. Mostra tres cortinas no castello, pelo monte acima (o que de certo nunca existiu), e torres altas nesta e nas outras fortalezas, que o bom do desenhista de certo não viu também, porque o arcebispo na obra acima citada e muito anterior, diz que não as viu, julga até que nunca existiram, e com razão.


Na base do monte do castello para o sul marca 6 grandes sepulturas, de «generaes», 2 a par e 4 em linha; marca os rios de Odemira e Mariscão nos seus fundos leitos; e depois da confluencia apresenta 12 sepulturas de «gente da plebe». A estampa, apezar das suas irregularidades e caprichos, tem para nós grande valor archeologico.

Na vida de S. Sizenando, ms. da Bibl. d'Evora, Cenaculo escreve de varias antiguidades do Alemtejo meridional, não encontrei porem menção dos logares fortificados de Castro Verde e Colla. O ms. é de 1800. Marca dois sitios onde se descobriram antiguidades notaveis, um na ribeira do Rôxo, e outro ainda mais notavel na herdade do Raco, freg. do Cercal, a 2 leguas de Villa Nova de Milfontes.

Aqui appareceram muitas sepulturas que pela descripção parecem «cists», e em algumas se encontraram objectos de oiro (ornamentos), vidro e barro lavrado.

Segundo diz a respeito dos estoques conheceu elle mais que os cinco existentes agora em

Evora, e de varios sitios da diocese de Beja; em alguns notou a pequenez dos punhos: nos d'Evora são eguaes e normaes. Estes estoques são de cobre, nada têm d'aço, de egual trabalho, variando só e pouco no comprimento; o sr. Philippe Simões no seu excellente livro *Introducção á Archeologia da Peninsula* (Lisboa, 1878) menciona-os, e apresenta desenhos exactos a pag. 120. Creio que os desenhos das lapidas de caracteres desconhecidos, que estão na collecção ou album intitulado *Museu Sizenando*, que se guarda tambem na Bibl. d'Evora, se referem, com excepção de um, á Colla, pois n'um catalogo junto se indica serem provenientes da freguezia de Ourique, e uma só de Almodovar.



Pelas 3 e meia horas da tarde de 3 de outubro de 1878 cheguei á estação de Cazevel, ultima da linha ferrea do sul. A paizagem alemtejana é pouco variada; a campina de Beja a Cazevel pouco differe das charnecas de Vendas Novas, mais quebrada, mais escura apenas; percorre-se uma região mineira; junto das solitarias estações da linha erguem-se montões de minerio negro ou vermelho escuro. As ondulações do terreno são mais pronunciadas que nos arredores de Evora; o matto é curto e enfezado; avistam-se raros montados de azinho e sobro; nos arredores da estação de Cazevel alastra-se o descampado triste e desolador.

A aldêa fica a 2 kilometros suêste da estação. Proxima da «gare» ha uma estalagem pobre onde fazem pouzada os correios do Algarve, de Ourique, de Castro e Almodovar, de Odemira: são os freguezes certos da estalagem, os que lhe dão alma; outros viajeiros são mais raros; grande frequencia só pelas feiras de Castro e Garvão, as principaes d'aquelles sitios.

Na estalagem ha máo commodo e bom modo; a patrôa, mulher idosa, alta e desembaraçada sabe haver-se com uma gallinha acerejada e a bella canja de arroz.

Arranjou-se uma mulinha com seu albardão, e uns velhos estribos de páo, e uma cabeça da com vezes enxertada, tudo alfaias da juventude da pobre alimaria; uma mulinha de trinta primaveras, paciente, cega do olho direito, com um passinho vagaroso e methodico, de que sahia á espora para um chouto impossivel, insupportavel.

José, rapazote de 17 annos, trigueiro, de olhos pretos e vivos, magnificos dentes alvos, fallador, ladino, prompto, um typo arabe, dispoz-se a acompanhar-me na viajata.

Era quasi sol posto quando chegámos á aldeia de Cazevel; ahi tive de esperar alguns minutos á porta da venda, o meu guia fôra a casa da mãe mudar de sapatos. Voltou correndo, e partimos para Ourique.

O terreno, unicamente composto de rochas schistosas, passada a chapada onde assenta a aldeia, torna-se mais accidentado, as curvas aper-

tam-se, os pequenos valles são mais profundos, os montados revestem o solo quasi sem cessar. Em outubro, ás 6 e meia da tarde e em espessos montados, escorece bastante: o rapaz começou a contar-me casos de salteadores. De facto houvera ali pelo sitio alguns ataques isolados; poucos dias antes o governador civil enviara um destacamento para conter os audazes: o sul do Alentejo soffreu muito com a falta de chuva em annos seguidos; demais em algumas minas parára a exploração ficando sem trabalho centos de homens, e frequentemente a população mineira contém gente de character indefinido. O governo mandára desenvolver os trabalhos de obras publicas no Algarve para obviar á miseria, mas ninguem se lembrou d'estes pobres concelhos do sul do Alentejo, onde ha absoluta carencia de estradas: os «rails» da via ferrea acabam a duzentos metros ao sul da «gare» de Cazevel, e ali mesmo começa o matagal siugrado apenas das carreteiras e veredas primitivas.

O rapaz ia inquieto: dizia que não tinha medo, mas lamentava ter-se esquecido com a pressa de trazer uma pistola e a navalha de mola, porque demais a mais «com uma pessoa fina... podiam ter visto...» Serencei-o mostrando-lhe o meu revolver, que ia na mala e descarregado.

—Oh! senhor, faça favor de carregar. Entrára alma nova no rapaz, e não descançou antes de ver os seis tubos occupados, e a correia na cintura. Foi logo para a frente da mula, cantarolando alegremente.

Ás oito da noite entrava na calçada de Ourique; um grande poço que fornece a povoação, em frente um paredão com as armas de D. Manuel, e começa uma calçada tosca, bastante comprida e inclinada, até a villa de Ourique, que assenta n'um cabeço de largo horisonte.

A estalagem peor que a de Cazevel, e bons modos não havia; instalei-me no melhor quarto, uma casa pequena, janella sem vidraça, com um grande craveiro de perpetuas roxas, e o tecto forrado de canas mui juntas; e sahi a percorrer a villa: povoação antiga, isolada, em marasmo, e todavia onde se fazem esforços para melhoramentos consideraveis, da parte das administrações locaes; onde a Camara municipal e a Misericordia, dispondo de acanhados orçamentos, metteram hom-bros e levam já de vencida um hospital novo, e os paços do concelho e séde de repartições, quasi concluidos; ficando uns edificios desafogados, elegantes, hygienicos, fazendo excellente figura na pequena povoação. Que, depois de terminadas tão proficuas obras, a Camara de Ourique se esforce por construir uma estrada razoavel que a ligue a Cazevel e a Monchique, ficando assim bem communi-cada com o caminho de ferro, e os concelhos do Algarve occidental. O sr. Torpes de Mello Serrão, administrador do concelho, cavalheiro muito bem-quisto, a quem me apresentei, indicou-me para guia que me conduzisse á Senhora da Colla um mocetão bem parecido, homem de sua confiança, mui conhecedor do sitio; encontrei o sr. Torpes

em casa do secretario da administração. sr. Costa Bravo, cavalheiro em extremo sympathico e obsequiador, que sabe da importancia das ruínas que eu demandava, conhece-as, e já tem feito mesmo tentativas de exploração infelizmente infructiferas.

Pelas seis da manhã partia eu, o guia ouriquense, e o rapaz de Cazevel caminho da Colla; a humidade da manhã a que succedeu um calor intenso e abafadiço como de troveada imminente; o chouto da mulinha e o demonio do albardão que me obrigava a posição de Y invertido, fizeram-me mal ao estomago e á cabeça a ponto de receiar incommodo maior.

O terreno accidenta-se cada vez mais; as curvas apertam-se, os grandes dorsos desaparecem e os cerros terminam em espinhaços; a vereda todavia segue sem difficuldades ora pelos valles ora nas lombadas dos montes. A uma legua de Ourique passa-se a aldeia de Palheiros, agrupamento de uns sessenta fogos; uma pobre aldeia; as casas rudes e negras sem reboco nem cal assentam no schisto do solo, calçada natural das ruas ou antes dos espaços irregulares entre as casas.

Nada que denote civilisação, tudo pobre, mesquinho, primitivo; algumas mulheres fiavam á roda, outras ajudavam a atar fardos de cortiça. O aspecto d'aquella gente pareceu-me differir da outra alemtejana; domina a cor trigueira, o iris preto, o cabello negro e corredio; corpos delgados, seccos, nervosos mas sem recordar o typo arabe; pouca vi-

veza, gestos sobrios; notei mesmo differença consideravel entre o aspecto desta gente e o da d'Ourique. Ha por ali usos com seus laivos de primitivos; ás danças de bodas concorre a rapaziada de Ourique e arredores; pela beira do caminho vi alguns poços, e em todos havia caldeiras para tirar agua, caldeiras que ninguem furta, porque fica perdido para todo o sempre o que furta uma caldeira; nos muros toscos das casas e quinxosos vi pedras rudemente faciadas, delgadas, com buracos ou para couceiras das cancellas, ou só destinados a prender cavalgaduras, pedras que me fizeram lembrar algumas da Citania. -

Pouco depois disse o guia=lá está a Colla=; e entre os montes, ainda a distancia, vi o templo alvejando no seu plan'alto, com seu alpendre virado a nascente: em breve começamos a seguir pela encosta d'um cerro grande, em cujo sopé vai a ribeira do Mariscão, em leito apertado e frágil. Mariscão dizem uns, Marchicão pronunciam outros e mais geralmente; é tambem o nome d'uma herdade cujo monte se vê a breve distancia.

O caminho é pessimo, o declive torna-se cada vez mais aspero, a vereda segue sempre a meia encosta; em baixo a 40 ou 50 metros corre a ribeira. Um lavrador visinho, e mui devoto da Senhora da Colla, mandara arranjar pouco havia alguns pedaços do caminho, para o tornar transitavel ás cavalgaduras.

Descemos um pouco e dei de rosto com um monte ingreme que fomos costeando e subindo por

aspera ladeira; era este monte que nos escondia o templo. O guia disse=ora ali está o castello da cidade da Colla=.

De facto é como lhe chamam os povos visinhos=a cidade da Colla=.

É impossivel a duvida; tinha ná minha frente a ruina de antiquissima fortaleza; na inteira erista do monte assentam panos de muralha, em sitios mui esboroadas, limitando o cerro por uma linha recta; meia hora mais e terminava a ladeira; estavamos a pouca distancia d'um angulo do castello, e entravamos no plan'alto onde assenta o templo.

Vou tentar descrever o sitio. A porta do templo com seu alpendre diz a nascente; estamos quasi a meio d'um plan'alto de 200 por 250 metros nos seus grandes diametros perpendiculares; olhando para nascente temos á esquerda, a 100 metros, o começo do cerro do castello, ficando-nos sobranceiro em 30 metros; na frente, terminando o plan'alto, assim como á direita, o terreno desce n'um declive de 30°, e no fundo do convalle segue o rio de Odemira, no qual vai, a poente, entrar o Mariscão, e junto da confluencia está o pego do Sino. Partindo do terreiro da igreja para a confluencia o declive não é muito forte, mas o do castello é em extremo abrupto. Ora quem vê aquelle terreno, o modo geral da formação schistosa, tendo os cerros feitos mais ou menos boleados em consequencia da vegetação, chuvas e outras causas naturaes; quem segue as linhas dos accidentes d'aquelles terrenos, conclue sem difficuldade que o pla-

n'alto é em grande parte artificial, extremamente grande para que se possa chamar terreiro do templo, e que o cerro do castello se erguia originalmente mais sendo desbastado para o nivelamento e tambem para a construcção da muralha; de modo que é natural e razoavel a idéa de ver ali o sitio de antigo povoado consideravel, e no cerro fortificado a sua cidadela.

O templo não está isolado; ao norte ha umas casas menos mal construidas, rebocadas e ladrilhadas, a que chamam hospedarias; atraz e pouco distantes alguns casebres mal edificados, moradas de um pobre velho ermitão, e de uma familia campesina. O montado de azinho povoa os estreitos valles e os cerros ao redor, o outeiro do castello, deixando apenas mais despida a chapada do templo.

Alem dos edificios apontados ha vestigios de outros, paredões isolados de alvenaria não antiga, e entre elles os da primitiva ermida; ruinas e vestigios que provavelmente já assim estavam em tempo de Cenaculo.

A Senhora da Colla é muito venerada; á romaria e festividade de 8 de setembro concorrem os povos de muitas leguas em redor; recebe grande numero de esmolos em cereaes, azeite, cera e dinheiro, frequentes vezes se celebra missa no seu templo; emfim é este um dos sanctuarios de maior devoção no sul do Alemtejo, e isto constitue um dado importante no ponto de vista ethnographico.

Trepemos ao castello: trepemos é o termo porque finda a chapada, o cerro ergue-se logo de

vez, n'um angulo de 45^o, de modo que para chegar á raiz das muralhas é preciso trepar.

A muralha que olha para o templo, lado sul do castello, está muito derroçada, no lado norte tem pedaços bem conservados assim como a este: o lado do poente está em grande ruina.

Creio que os motivos terão sido os seguintes: a nascente e norte os declives são bastante arrebatados para tornar difficil o transito de homens e animaes: ao poente, face da fortaleza imminente á ribeira, a encosta é ainda mais ingreme, as chuvas, os vendavaes, as cheias teem sapado a rocha, de modo que a muralha se tem deruido principalmente pelas causas naturaes: para o sul a encosta é menos inclinada, o povo das romarias diverte-se a trepar por este lado, e os pastores por aqui trazem os rebanhos á pastagem ou á bolota do espaço contendo entre os muros, porque neste espaço ha algumas dezenas de azinheiras. Demais insta contar sempre, alem das causas naturaes e vulgares, com as excavações capfichosas dos labregos que por vezes se lembram de procurar thesouros n'estas ruinas.

Ainda agora existem ali grandes pedaços da muralha; não ousou dizer completos pois não sei se lhes faltará muito na altura, que em pontos attinge 5 a 6 metros.

Esta muralha é constituida por bem assentes fiadas de pedras de schisto, não faciadas, de tamanho equal: em pontos o muro é vertical, n'outros um tanto inclinado para dentro: em todo o cir-

cuito não se encontram 20 metros de muro em linha recta; em pontos seguiram ou aproveitaram o relevo local, mas n'outros foi mui de proposito que fizeram angulos salientes de 2 ou 3 metros de lado, sem todavia ver em parte alguma cousa que deixe suspeitar torre ou cubello. Julgo que não se empregou cimento, argamassa ou barro humido para os intervallos entre as pedras; muitos dos intersticios estão tapados, sem duvida porque as aguas teem esborado os fragmentos de schisto mais expostos ao tempo.

O contorno geral da fortaleza avisinha-se de um quadrilongo, quasi tres quadrados juntos, com um comprimento total de 200 metros por 40 a 50 de largura; o contorno está longe de ser regular: este grande espaço divide-se em dois de área quasi igual por um muro de fabrico identico ao das muralhas externas, menos largo porem. A muralha tem em muitos pontos uma espessura de 2 metros e o muro de divisão não attinge um metro. É possivel que nos espaços assim limitados existisse differença de nivel. Dentro de taes espaços ha grande porção de pedra solta, o que faz suspeitar outras edificações. Cenaculo diz que a fortaleza tem como no centro uma cisterna antiga. Eu vi a seguinte construcção, provavelmente a que elle menciona.

Desci por um buraco de trez metros de profundidade, e achei-me n'uma casa de 2 metros de largura por 4 de comprido, de paredes rebocadas; altas de 2 metros, e com abobada das chamadas

de berço; por duas aberturas irregulares, em paredes contiguas, resultado de arrômbamentos talvez, se pode entrar n'esta casa: na abobada junto da parede menor intacta, ha um vão quadrado de meio metro de lado, de 3 decímetros de profundidade, tambem rebocado, mas não vasado; não é uma abertura, uma communição para o exterior, não póde ser boca de cisterna. Uma coisa me intrigou a principio no rebôco; em espaços regulares apparecem manchas escuras, quasi circulares; examinei-as, vi não serem pintadas; depois de examinar algumas descobri uns nucleos mais negros, e num mais intenso achei um prego de ferro; estudei outro então e vi que tinham revestido as paredes de pregos de ferro, nunca salientes fóra do rebôco; isto é, na parede em osso collocaram os pregos e rebocaram depois; logo eram elles destinados a formar «cabeça» para segurança do rebôco, como hoje usam os estucadores no fasquiado, etc. Para que serviria este edificio ora subterrado, o vão quadrado na abobada, não sei; pareceu-me todavia construcção mui posterior á muralha, sem relações com ella; alguma ermidinha talvez de ha poucos seculos, pois alguma das aberturas hoje irregulares pode ter sido porta, porque não são pequenas. Que eu nisto de archeologias, desculpem-me o cavaco pessoal, não me recuso, nada me custa, dizer=não sei, ignoro=, não gosto de aventar explicações ou phantasias; começo por desconfiar muito, custa-me a chegar á simples incerteza, e para attingir a cer-

teza preciso de escada de muitos e firmes degrãos.

Estando sobre a muralha do poente temos em baixo a mais de 80 metros de profundidade o Marchicão; a distancia de funda está o pego do Sino e a confluencia das ribeiras; ali uma tira de planície onde se descobriram sepulturas, que, pela descripção que me fizeram, eram uma especie de «cists» (a), de poucas pedras, cobertos de pequenos comoros de terra.

Dentro do castello ha uma falha ou rebaixamento que, dizem no sitio, isto é, disseram o velho ermitão e dois pastores que se juntaram ao rancho, era a mina, que antigamente se descobria melhor e ia dar ao ribeiro, o que é possível; finalmente em baixo na margem do ribeiro e a entrar na corrente está um grande penedo de face quasi lisa e inclinado, é a pedra de escorregar. Começo a achar singulares estas pedras de escorregar porque não são raras, junto dos sanctuarios afamados; porque a diversão de deslizar pela pedra está associada a muitas romarias; em algumas destas pedras a face não é natural, e porque em alguns sitios á maneira de escorregar, aos incidentes da descida, se ligam symbolismos e interpretações.

Segundo a estampa mencionada (Est. 7 das Graças concedidas por Christo, etc.) em quatro dos cabeços visinhos ha vestigios de fortalezas. Num distante da Colla 2 kilometros, e, para quem está no castello, arrumado a E S E, são visiveis, mesmo do castello, os vestigios de um muro em

coroa que deixa porem muito a descoberto o cume do monte: o ambito do muro deve ser mui superior ao do castello, parece que está porem em ruina muito maior; segundo affirmavam os pastores ha no espaço circumscripto muita pedra solta. Nos outros cabeços proximos não são os vestigios visiveis a distancia: os meus companheiros não souberam dar-me noticias, e apezar da boa vontade não me foi possivel ir lá, tive de adiar a visita e voltei a Ourique. Em breve porem tenciono examinar as ruinas de Castro Verde e uma vez n'aquelles monotonos e agrestes sitios visitarei ainda a Colla.

Umás observações para terminar. Em Ourique ouvi fallar de castello, fui ao «castello»: é cousa que não existe: castello se chama em Ourique ao cume do monte onde a villa assenta, espaço sem edificios nem cultura, donde se goza vasto panorama e que tencionam transformar em passeio publico. O solo, a elevação na verdade não parece completamente natural, não vi porem vestigios de muralhas nem mui antigas, nem medievaes.

Em S. Gens (serra d'Ossa) ha tambem vestigios d'uma coroa (b). e de S. Gens avista-se a distancia talvez de tres kilometros o «castello velho», é o nome que tem no sitio, e este «castello» é uma enorme trincheira, um grande cordão de pedra, corroando um comprido monte, e o diametro d'esse campo fortificado deve ser superior a 600 metros.

Em S. Pedro das Cabeças (Castro) e proxi-

midades se teem achado varias antiguidades não de arte romana ou arabe.

Finalmente nestes sitios de Ourique e Senhora da Colla não obtive noticia de dolmens, e os labregos não conhecem as armas de pedra.

SOBRE OS DOLMENS DA CANDIEIRA E THESOURAS

No n.º 47 do «Universo Illustrado» (1877) publiquei a seguinte noticia sobre o dolmen furado da herdade da Candieira, situada na falda occidental da serra de Ossa, cerca de 25 kilometros a oriente de Evora.

«Encontra-se este notavel dolmen a meio do caminho que da villa do Redondo leva ao mosteiro de S. Paulo da serra d'Ossa, a 200 metros pouco mais ou menos á direita da estrada, encimando um cabeço ligeiramente saliente, que faz parte da herdade da Candieira. O dolmen é chamado pelos povos visinhos «a casa da moira», designação vulgar entre nós para indicar as velhas construcções não portuguezas, quer sejam arabes, romanas, celticas ou absolutamente pre-historicas, por isso que foram os agarenos os ultimos dominadores da peninsula, e dominadores de raça diversa. É facto analogo ao que se passa em Allemanha e na Scandinavia onde todos os velhos edificios não nacionaes são attribuidos aos hunos e aos finicos, tal

foi a impressão que estes povos de outros costumes, de outra raça e de outro aspecto, gravaram na mente do povo aryano.

Nada leva a crer artificial a altura sobre que se eleva a anta da Candieira. Seis grandes esteios estão ainda erguidos, assentando a meza ou pedra superior em quatro d'elles; o setimo jaz tombado, e pela abertura que deixon patente se póde penetrar no dolmen. A altura d'este tumulo pre-historico é superior a dois metros; o espaço comprehendido pelas lages anda por 2 metros de comprimento e 1,5 de largo. As lages são da rocha schistosa, unica formação geologica d'aquelle solo, e que constitue o grande massiço da serra d'Ossa, manifestando a cada passo innumeraveis variantes, sem duvida pela proximidade de grandes erupções graníticas.

Um dos esteios porém d'esta anta é furado; a pouco mais de meia altura mostra-se um buraco visivelmente artificial, aberto com certa regularidade, e talvez com instrumento de pedra polida ou bronze: a abertura tem proximamente um palmo quadrado.

Creio ser este até agora o unico monumento d'este genero marcado entre nós. No estrangeiro conhecem-se alguns analogos. Os penedos esburacados ou escavados da Citania de Briteiros e de Roriz pertencem sem duvida a outra classe de monumentos.

Temos examinado muitas antas do Alemtejo e só esta encontrámos perfurada. O sr. Pereira da

Costa, no seu trabalho sobre os dolmens, não menciona nenhum monumento d'estes.

Na face superior da meza não ha o minimo vestigio de sulco ou cavidade; nas faces dos esteios e na face inferior da meza nenhum signal apparece tampouco de quaesquer symbolos ou caracteres. Nada; só as superficies grosseiramente faciadadas da negra rocha schistosa com os seus cambiantes de cores escuras, ás vezes de singulares reflexos metalicos.

O solo d'este dolmen tem certamente sido revolvido por mais de uma vez; no povo rude persiste a idéa de procurar thesouros n'estes mysteriosos monumentos; creio ser esta a principal causa da deslocação dos esteios, n'esta e em muitas outras antas.

O dolmen da Candieira offerece pois uma novidade á archeologia pre-historica que tantos cultores dedicados possui entre nós; é um verdadeiro. um indiscutivel dolmen perfurado».

Depois d'esta noticia no boletim n.º 6. de 1878, da Sociedade dos architectos e archeologos portuguezes vieram os desenhos dos tres dolmens —Candieira, Vidigueira, e Thesouras—, desenhos por mim fornecidos, acompanhados d'um pequeno artigo do sr. J. da Silva. Este distincto archeologo e trabalhador infatigavel considera a descoberta importante; é de facto o primeiro dolmen furado que se marca entre nós.

O artigo termina notando que se teem aven-

tado varias hypotheses para explicar os furos e cita a opinião do sr. Leon de Vesly, que vem a ser: —a lage furada serviria para introdução dos cadaveres na sepultura megalithica, pois que estando estes monumentos cobertos de terra não era natural removel-a todas as vezes que houvesse algum corpo a sepultar; por este motivo praticando um furo na pedra por elle se introduziria o cadaver sem precisar desfazer a camada de terra que revestia estes monumentos—. Esta explicação, continua o sr. J. da Silva, não satisfaz, pois em França, até agora só se conhece um dolmen com tal disposição; e se as aberturas servissem para o fim designado pelo archeologo francez deveriam todos os dolmens apresentar identica disposição.

Para o dolmen da Candieira a explicação é completamente impossivel; nenhuma base para affirmar que o monumento estivesse coberto de terra: o buraco não está na parte inferior, mas logo acima do meio da lage; as dimensões da abertura, menos de palmo quadrado, não permitem a entrada de volumes consideraveis.

Agora uma observação. O dolmen da Candieira é o unico que eu tenho visto, até agora, com uma lage furada, mas o unico tambem formado de lages de schisto; já fica dito que a serra de Ossa é de formação schistosa: ora esta rocha é incomparavelmente mais facil de trabalhar que o granito. Ainda que o rude operario pre-historico apenas usasse instrumentos de diorite, comprehende-se que facilmente conseguisse faciar as lages, e assim ajustal-

as bem; preferindo furar uma lage no meio em vez de aproveitar uma junta de lages contiguas, dominado já talvez por ideas de harmonia ou symetria architectonica.

No granito não o poderia fazer facilmente; com a diorite—fallo na diorite porque desta rocha são em geral os instrumentos de pedra polida vulgares no Alemtejo—; poderia moer, lascar certos granitos de menor cohesão, mas rompel-os, varal-os julgo mui difficil e moroso, ainda mesmo com esses machados de cobre, não raros tambem aqui no Alemtejo, ainda até com os de bronze fundido muito menos vulgares. Talvez pois nos sitios onde só tivesse rochas graniticas se contentasse com as aberturas das juntas entre as lages irregulares.

Conjecturas sobre o uso e fim da abertura não aventurarei.

Ha espiritos que teem explicações para tudo, e improvisam conjecturas brilhantes. Serviria o tal buraco para os parentes e affeiçãoados dos mortos levarem offerendas ao mysterioso jazigo? para ali írem murmurar orações, exorcismos, encantos que a sua piedade ou a sua superstição lhes inspirasse? ou para que os seus sacerdotes, magicos ou feiticeiros ali fossem practicar funcções especiaes? ou para dar sahida aos vapores e miasmas, ou tiragem ao fumo se usavam a combustão?

Estes dolmens foram fortuneiros: tanto tempo ignorados, só de longe em longe visitados pelo rude pastor da serra, não só teem os seus retratos no Boletim de Archeologia. mas lá estão já

estampados nos=Materiaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme=, revista mensal dirigida pelo sr. Emilio Carthailhac (14.^e année, 1878. pag. 362 e 363).

Foram á exposição de Paris, fallou-se d'elles na segunda sessão do congresso internacional das sciencias anthropologicas; e o sr. Carthailhac fez inserir na importante publicação que dirige a noticia communicada pelo sr. J. da Silva.

Temos porem agora outra observação, e esta a respeito do dolmen das Thesouras. O illustre archeologo... fait remarquer qu'il reste des doutes très positifs sur cette collonne du dolmen das Thesouras. Est-elle un produit naturel, le resultat d'un clivage? On ne sait.

Não póde ser um producto natural, é de facto o resultado de clivagem: é um tronco de granito grosseiramente desbastado. O granito no seu estado natural encontra-se ou alastrado ou formando penedos de varios volumes, mais ou menos globulares ou ovoidaes, sempre de superficies curvas, nunca em arestas vivas terminando faces definidas; isto pertence a basaltos e outras rochas. Todavia, vendo o desenho, a observação tem sua razão de ser.

O tronco mui tosco do dolmen appareceu no Boletim um tanto aprimorado, menos mal faciado, com vivas e rectas arestas, e faces bem determinadas. O gravador francez seguiu a boa vontade do lithographo portuguez; as faces de planas passaram a escavadas, e o grosseiro tronco de gra-

nito viu-se transformado em fragmento de columna canellada: e assim ha motivo de sobejo para reparo vendo tal perfeição combinada ao rude monumento megalithico.

O dolmen de que fallo não offerece só esta singularidade; parece um agrupamento de tres dolmens, um dos quaes superior em dimensões; tres compartimentos diversos formados por grandes lages; não parallelas mas dispostos em torno dum ponto central, onde talvez se erguesse o tronco faciado, a que eu, se nisto de archeologia gostasse de aventurar, chamaria um «menhir». O monumento está muito arruinado, poucas lages se conservam nas posições primitivas; as mesas deslocadas; uma, a maior muito obliqua e empinada, de modo tal que se vê a distancia, prendendo a attenção, sobresahindo sobre as copas do azinhal que a cêrca. Finalmente não creio que o tronco de granito hoje tombado n'aquella confusão de grandes pedras possa suggerir relações com o dolmen de Confolens, descripto por Fergusson.

Voltemos á Candieira. O mais proximo parente deste dolmen parece-me ser o de Trie (Oise), e a dar fé ao que affirma James Fergusson (*Les monuments megalithiques. Trad. Hamard. Paris, 1878*) não são os dolmens assim furados de extrema raridade em França. O buraco é pequeno, segundo a gravura parece pentagonal,—o da Candieira é rectangular—, e está quasi a meio da lage: differe muito da abertura do dolmen de Grandmont, chanfradura consideravel na parte inferior da lage.

Fergusson menciona outros dolmens furados, e apresenta os desenhos de dois da Circassia, e outros de Rajunkoloor (Industão). Estes são de uma perfeição, de um acabamento mui superior ao que se nota na Candieira. Nos da Circassia a abertura, avaliando pelo desenho, parece circular, exactamente circular, e até ornada de um rebordo ou moldura: os esteios e as mezas são bem faciadados, aprumados, nivelados; nos da India noto o mesmo esmero de construcção, e um certo methodo ou estylo bem determinado. O dolmen é rectangular, sobre o comprido; os dois grandes esteios lateraes excedem um pouco os da frente e de traz; no primeiro d'estes, a meio, está a abertura; a meza tapa ajustando-se bem o monumento, e assim a communicacção unica para o exterior fica sendo a abertura da lage fronteira. Segundo consta nos dolmens indianos tem-se encontrado cinzas, carvões, etc; isto parece confirmar a opinião de que os povos que os erguiam usavam queimar os mortos.

Os dolmens furados da Candieira e de Trie parecem pois congeneres d'esses da Circassia e de Rajunkoloor; um mesmo rito dominava nos constructores de uns e outros talvez; mas na perfeição do trabalho affastam-se consideravelmente.

RUINAS DA CITANIA DE BRITEIROS

Indo de Braga para Guimarães, quasi a meio caminho, deparam-se as Caldas das Taipas; seguindo ainda pela estrada alguns centos de metros, e tomando á esquerda, para o norte, a um kilometro, pouco mais ou menos, chega-se ao sopé d'um cabeço granítico, de asperos declives. é o monte de S. Romão: na chapada ergue-se a modesta ermida. O monte, um dos numerosos contrafortes da agreste e ermada serra da Falperra, attinge 336 metros sobre o nivel do mar, e talvez 150 sobre o leito do Ave, que se rasga a breve distancia: mesmo pelo sopé do monte do norte a oeste, em leito fragoso de abruptas escarpas, segue uma corrente pouco importante, o Guiz: para o sul o declive é rapido, em pontos precipitado; para o norte o monte liga-se com outros em ligeiras depressões, que ainda assim o fazem proeminente. Uma planta minuciosa da elevação. com suas linhas de nivel, daria provavelmente no alto uma linha quasi circular de cem metros de diametro, dez metros abaixo outra elliptica, no sul e oeste pouco afastada da primeira, dilatando-se bastante para este e norte; a terceira, tambem inferior dez metros á segunda, pouco se afastaria d'esta nos primeiros pontos marcados, e para o norte alongar-se-ia muito, mais de trezentos metros tal-

vez alem da segunda linha; as ruínas da triplice corda de muralhas da Citania segue mui de perto este desenvolvimento; as ruínas dos edificios condensam-se no primeiro recinto, raream no segundo; na terceira faxa, a mais vasta, só apparecem escorias, e outros raros vestigios insignificantes.

Nas escarpas abruptas do monte, como nos das proximidades, não ha arvoredos; as chuvas não permitem grande accumulacão de terra vegetal; no inverno reina um frio intensissimo, no verão um calor ardente; a vegetação mimosa e opulenta, os grupos pitorescos de casaes ornám as baixas, o valle lindissimo do Ave, os declives brandos dos outeiros mais modestos.

Ha muito se sabia da existencia de antiquissimas ruínas em varios pontos do Minho; Argote e outros haviam mencionado algumas; tiveram porém estas da Citania de Briteiros a ventura da primeira exploração intensa e methodica; e outra fortuna mais, a de captivarem a attenção da archeologia portugueza, a ponto de se conservarem ainda na ordem do dia, porque os vestigios da Citania não respeitam simplesmente á historia dos celticos que povoaram o occidente da peninsula, entram de facto e com muito relevo no conjuncto dos diversos dados que a sciencia moderna tem descoberto para a historia das antigas populações da peninsula. Os archeologos portuguezes mexeram-se, viajaram, foram ver, cousa inaudita; reuniram-se trinta individuos para examinar e discutir um montão de velharias, e não se desaviram como usavam os sa-

bios d'este abençoado cantinho, á imitação dos philarmonicos de aldêa, e até, caso devéras para espanto, o paiz, os leitores indigenas viram os artigos descrevendo a conferencia e seus resultados e não abafaram tudo em risadas de mofa.

Ha no Minho varias Citanias, da Saia, de Roriz, de S. Fins de Ferreira, apparecem ruinas á primeira vista semelhantes em muitos outros pontos, mas ha só um Martins Sarmento : este cavalheiro, a quem a academia das sciencias fez agora seu correspondente, e a sociedade de archeologia concedeu a sua medalha de ouro, está muito superior a tão diminutas honrarias, tem um logar importante no movimento scientifico da peninsula, a sua exploração no methodo e no rigor, pelo affinco e desinteresse releva muito á do Cerro dos Santos de Montealegre, ás das Corôas da Galliza.

Marcou-se para a conferencia o dia 8 de abril de 1877; em consequencia da chuva, da inverna continuada, adiou-se para os primeiros dias de junho; em 9 e 10 d'este mez estiveram reunidos em intimo convivio os nossos archeologos mais eminentes e outros individuos conhecidos nas letras e sciencias. Até agora, porém, exceptuando um pequeno folheto, só têm apparecido dispersamente breves artigos nas publicações periodicas; as attentões na verdade se prendem ás ruinas minhotas, mas o trabalho não tem correspondido como devia ao impulso generoso e energico dado pelo illustre vimaranense. Precedendo de dois mezes a conferencia apenas realizámos uma visita curtis-

sima; ficámos, todavia, convencidos de que insta prestar ás ruínas do Minho grande attenção: não se procurem ali apenas os vestígios das povoações celtas filhas da emigração notada em Strabão, nem só os restos das hordas que D. J. Bruto venceu e domou, ali ha muito mais; ha o trabalho rude, a arte, a civilisação nascente, a horda barbara influenciada talvez pelo grego e pelo phenicio. soffrendo depois, até que ponto? a romanisação; ha a muralha, a casa e a calçada, louças de mui diversos barros e utensilios de ferro e cobre, o ornato e o relevo, o busto, a estatua e a ara, as armas e os pesos, a inscripção em desconhecidos caracteres e os nomes celticos em caracteres latinos, a escoria, a lenda, as designações locativas, enfim um grande numero de elementos para o estudo da civilisação.

Comtudo, por serem numerosos os documentos, não se pode affirmar que o problema ou problemas se simplifiquem, antes é certo que envolvem grande complexidade. Ha muitos espiritos porém, que desejam estabelecer em tudo regras, avidos de resultados definitivos, e que não duvidam aventar opiniões frequentemente fundadas em debéis alicerces.

Lemos ha pouco dois trabalhos, que devemos á extrema benevolencia de seus authores, sobre antiguidades citanienses e vamos com franqueza occuparmos-nos d'elles.

O sr. Simão Rodrigues Ferreira, de Penafiel, cavalheiro distinctissimo e um dos conferentes da

Citania, publicou n'um jornal alguns artigos, agora reunidos em folheto, com o titulo «Ruínas da Citania», (Typ. do «Commercio do Porto». 1877) que revela muita leitura, grande cópia de conhecimentos e vigorosa critica. Procura o illustre author responder aos dois quesitos — quem foram os fundadores da Citania? Quaes foram os povos que a destruíram? O espaço d'esta publicação não nos permite acompanhar o trabalho do sr. Rodrigues Ferreira passo a passo, como desejavamos; limitar-nos-hemos, pois, a exarar algumas observações.

Crê seguindo Freret que 1:600 annos antes da nossa era chegaram á península duas emigrações, primeiro a dos iberos, pouco depois os celtas. Esta determinação de Freret carece de base; não se sabe, não ha indício algum para fixar a chegada dos iberos emigrados da Asia: existem, sim, bastantes para affirmar a existencia de diversos povos pre-historicos na península, de raças e civilisações diversas, antes da entrada das migrações celtas, pelasgicas e phenicias. A associação, a intima união das duas raças celtica e iberica, que os antigos affirmam, e muitos modernos aceitam, é contestada por alguns com boas razões; a philologia, a numismatica, as recentes descobertas archeologicas levam a pensar que os dois povos cohabitaram simplesmente, não chegando a formar uma raça mestiça celtiberica. Dizer que os celticos chegaram «pouco depois» dos iberos carece de todo o fundamento razoavel; podemos affirmar,

sim. que as migrações celtas encontraram os povos da Iberia ha muito estabelecidos na península, seguros ao solo, sem nenhuma tendencia para o nomadismo, agricultando, com industrias proprias, conhecendo alguns metaes, a navegação, e variando entre si nos idiomas ou dialectos e em grãos de progresso. As asserções dos authores gregos e latinos não podem ser na sua totalidade cegamente adoptadas; a critica e as explorações modernas confirmando umas, têm conseguido rectificar outras: as antiguidades celtas e ibericas eram ignoradas pelos antigos doutos. Strabão, o portentoso indagador, o clarissimo espirito, hesita frequentemente, a respeito da Lusitania por exemplo, e comtudo dois seculos havia que os romanos percorriam as Hespanhas. Assim as expressões «celtas, iberos, celtiberos», e mesmo «lusitanos», só devem tomar-se como geraes.

O sr. Simões Ferreira diz que a sociedade politica dos povos gallaicos tinha por elemento a tribo ou familia, ou segundo o termo celtico, o «clan» (c). As citanias minhotas, as coròas e castros da Galliza mostram de facto que estas povoações callicaas viviam agrupadas, preferindo os cabeços, sem duvida pela facilidade de defesa.

Algunas inscrições do paiz ao norte do Douro, lavradas sob o dominio romano, revelam tambem a existencia do «clan» a que os latinos, não tendo outro nome mais proprio applicaram «gens», e tambem «gentilitas» quando se tratava de subdivisão ou de clientela: assim diziam «gens pem-

belica, zoela, gentilitas triadivorum, desoncorum», etc. Sabemos também, com inteira certeza, por varios testemunhos, que, ainda sob o já adiantado dominio romano, estas «gentes», assim como as «civitates» se confederavam para varios fins. O termo «civitas» (d) deve interpretar-se quando se trata dos barbaros que os latinos domaram, como equivalente do moderno «cantão», e ás vezes ainda mais latamente: na frase—*Omnis civitas Helvetiae in quatuor pagos divisa est*—, «civitas» quer dizer «nação». A significação d'estes termos «gens, civitas, oppidum, vicus, pagus» oscila quando se trata de povos barbaros; alguns, facto curiosissimo, parecem expandir-se em harmonia com o crescer enorme do poderio de Roma. Na celebre inscripção do contracto de patronato mutuo de Gerunda, do anno 27 de Christo, confirmado um seculo mais tarde em Asturica, o termo «gentilitas» é subdivisão de «gens»; este termo que na acceção primitiva significava um conjuncto de parentes provenientes d'um tronco commun, «gens Cornelia», por exemplo, conjuncto das familias Cinna, Dolabella, Scipio, Sulla, etc., dilatou-se a ponto de se dizer gens Gallorum, Germanorum, etc. A philologia póde mostrar com segurança a historia d'estes termos, assim como de «urbs, civitas, polis», cujos radicaes primitivamente mui restrictos vieram dar no portuguez, por exemplo, urbano e urbanidade; politica, policia e polidez; cidade, civismo, civilisação.

Entre as hordas gallaicas «citan» (e) é nome

commun, e não era privativo d'ellas, porque o vamos encontrar entre os celticos da Britannia. Que a designação «civitas» era tambem aqui empregada, talvez como termo latino correspondente ao celtico «citan», mostra-se pelas designações locativas que chegaram até nós; ha o lugar de Civita, Nossa Senhora da Civita, e são vulgares os sitios denominados «Cidade, Cidadellhe», corrupção provavel do diminutivo «civitatula».

Não posso concordar com o sr. Simões l'erreira attribuindo ás migrações celticas a introdução dos metaes na peninsula. Raças pre-historicas, muito anteriores aos celticos, conheceram pelo menos o cobre e o bronze, como está demonstrado, e a grande differença entre os vestigios das idades do cobre e do bronze é mais que bastante para assegurar a existencia de duas raças pre-historicas differentes em estatura e civilisação.

Em harmonia com o author, cremos que estas citanias minhotas, e as coròas gallegas, são devidas aos povos celticos denominados gallici ou callaiei nos escriptores gregos e romanos, e cujas principaes tribus Artabri, Nerii, Pezamarcae, e Tamarici ou Tamaçani occupavam a região ao norte do Douro até confinar com o mar, e as montanhas dos Astures: paiz cuja população ainda agora, a muitos respeitoes, differe dos outros povos peninsulares.

Em 617 de Roma, o proconsul D. J. Bruto levou pela vez primeira as legiões latinas alem-Douro; chegou ao Minho—hic expeditionis Bruti

terminus est—, diz Strabão. Segundo Valerio Máximo, o celebre proconsul venceu facilmente os povos da Galliza e da Lusitania, excepto os da Cinania, junto dos Bracaros, que resistiam com mão armada. O sr. Ferreira insta por identificar esta Cinania com a Citania de Brifeiros. É possível; para duvidar temos só a coexistencia das varias «citanias» mais ou menos visinhas dos Bracaros, e cumpre notar que ignoramos a extensão territorial d'estes povos. Algumas dezenas de annos mais tarde Publio Licinio levou de novo a guerra ao alem-Douro: não julgamos, porém, que a destruição da Citania se possa referir a estas invasões.

Os exercitos da republica romana conquistaram, domaram, pouco civilisaram: a romanisação veio muito mais tarde, no imperio já adiantado; ora a acção latina fez-se sentir no norte da península menos que no restante; ha, todavia, provas de romanisação nos proprios restos da Citania. Aquellas inscripções «camal» de individuos callaicos, em linguagem e caracteres latinos, não podem significar outra cousa. Um homem, um chefe que na padieira da sua porta põe, entre os ornatos barbaros, a inscripção «Corneri Camali domus», é incontestavelmente um celtico que conhece e usa a lingua dos invasores latinos. A romanisação dos celticos n'esta região prova-se pela estatua gallaica de Vianna do Castello, pelas inscripções de Val de Nogueiras, entre as quaes ha uma bilingue que, principiando em caracteres celtisados acaba em latinos, pela celebre ins-

cripção das cidades confederadas, etc., que tudo prova a nosso ver que os povos ao norte do Douro tiveram romanisação intensa, e tal intensidade não se poderia attingir nos tempos da conquista. O sr. Simões Ferreira, a pag. 12, parece-me severo demais com J. Cesar, e até vai de encontro aos dados historicos: tem de facto um periodo que urgia destruir. Cesar veio por tres vezes á península; da primeira demorou-se apenas um anno; da segunda fez a guerra no occidente, subjugou-o, e lançou as bases da latinisação na península; da terceira contra os filhos de Pompeu, que derrotou em Miuda, demorou-se mezes apenas.

Segue depois o sr. Ferreira: «A península no tempo de Augusto estava pacifica e romanisada (creio que mui longe ainda de tal), excepto nos desvios dos Pyreneus e nas Vascongadas, onde nenhuma civilisação poudo entrar e pela Galliza em algumas «citans» celto-gualezas nas quaes a civilisação romana não poudo penetrar nas suas triplices muralhas; tiveram, porém, estas a mesma sorte dos Herminios, d'este numero julgo foi a Citanía perto do Ave.» Ora, isto é que não parece ser, porque vamos encontrar exactamente no espaço comprehendido pela mais apertada das cercas citanienses uns sujeitos com letreiros romanos, e a cada passo, em fragmentos de barro, em pedaços de granito, caracteres latinos.

Antes dos romanos, gregos e phenicios visitaram a península.

É de Plinio a frase celebre—A cilenis con-

ventus Bracarum, Heleni, Grevii, Castellum Tyde, græcorum soboles omnia—. O sr. Ferreira afirma que os navios phenicios frequentavam menos as costas da Galliza que os gregos. Não sei de testemunho definitivo a este respeito. Os phenicios eram grandes navegadores, mas como todos os marítimos antigos não se aventuravam facilmente á longa navegação do alto; seguiam os litoraes de perto, arribando com frequencia; e passando, como é certo, até aos mares do norte da Europa, é bem verosimil que muitas vezes abicassem ás praias callaicas. Vestigios deixaram poucos nas regiões septentrionaes; não edificavam, não estacionaram, elles commerciavam apenas. E d'onde virá aquelle tão notavel bustosinho de fino barro encontrado na pedraria de Briteiros? Um busto asiatico singularmente modelado, e tão parecido com alguns que se acharam no Cerro de los Santos, excepto nas feições, porque este representa uma physionomia asiatica ou talvez egypcia, e os outros, sendo de arte phenicia, têm feições que lembram ainda os naturaes da Hespanha meridional. A arte grega entra por assim dizer em dinamisação homeopathica nos vestigios citanienses; podem attribuir-se-lhe alguns ornatos de louças apenas: as rudes estatuas, os relevos, a pomposa ornamentação da «pedra formosa» nada têm de hellenico.

Sobre este notavel monumento termina o sr. Ferreira o seu opusculo com uma memoria historica. A «pedra formosa», designação dada pela lin-

gnagem popular e com razão aceita geralmente, é um monumento curiosíssimo, não tem congénere na península. É um grande penedo de granito, de 2.^m, 86 de comprimento, de 2.^m de largo, de fôrma quasi pentagonal; o lado maior fôrma a base, a meio da qual se rasga uma cavidade semicircular; dois menores são perpendiculares á base, os dois restantes, nada regulares, convergem n'um angulo de 130 grãos. A espessura varia de 30 a 40 centímetros, a face inferior e as lateraes são toscas, a superior coberta de lavores. O estilo, a maneira por que estão executados, são devêras singulares: revelam elles a impericia do operario barbaro executando com precisão, e com falta de desenho. A estampa que a Sociedade de Archeologia publicou no seu boletim n.º 9 não dá perfeita idéa da notavel ara; é preciso ver com attenção a photographia. Ás descripções feitas pelos srs. Ferreira e Possidonio da Silva seja-me permittido juntar algumas observações. Na face lavrada não ha letras, nem vestigios d'ellas; ali só vejo ornatos; e, embora tambem me possua de manias e enthusiasmos archeologicos, não vejo ali signaes evidentes de symbolismo (f).

A posição natural da pedra é a horizontal, isto não pôde offerecer grandes duvidas, é uma ara de sacrificios (g); quando estivemos na Citanía, a altura a que ella estava pareceu-nos tambem a normal; entrando na cavidade semicircular fica-se perfeitamente á vontade, quasi rodeado pela pedra.

Um cordão duplo segue, tangendo o semicirculo, quasi paralelo aos lados, delimitando certo espaço dividido em dois iguaes por outros cordões que do angulo superior incidem sobre a abertura semicircular. N'este angulo superior abre-se uma cavidade circular que não fura completamente a pedra, formando reservatorio talvez destinado a conter lume para perfumes ou purificações. Os lavores dos espaços internos consistem em linhas continuas, parallelas, e outras cruzadas formando quadrados, tendo estes ligeiras depressões médias; o parallelismo em relação aos cordões moldurantes não é perfeito, porque o artista não soube calcular os espaços. Os ornatos fóra dos cordões parallellos na base e no alto semelham SS ou duplas curvas inversas variamente combinadas: quasi iguaes entre si são tambem os lados menores do pentagono; nunca perfeitamente iguaes, não de proposito, mas revelando que o artista não tinha modelo ou typo determinado, mas era sim dominado por um estilo rigoroso. Na faxa superior direita a falha ou rebaixo existia antes de se lavar a pedra, porque os cordões que o artista lavrou n'um e n'outro lado da falha não correspondem, não se seguem, como acontece nos outros ornatos, o que mostra que se não soube observar a direcção.

Em harmonia com o sr. Ferreira, concordo em ter a «pedra formosa» como ara celtica de sacrificios humanos e não humanos. Sabemos que na peninsula havia sacrificios humanos e dizem que

Julio Cesar foi o primeiro que tentou acabar com uso tão selvagem. Sabemos que entre celticos, especialmente no culto druidico, eram vulgarissimos. As inscrições de Val de Nogueiras referem-se tambem a aras celticas de sacrificios, e lá apparecem as cavidades. Aquelles furos da «pedra formosa», destinados, evidentemente, a deixar sahir liquidos (o sangue das victimas humanas, segundo o sr. Ferreira, que tendo sempre a determinar e a chegar logo ao maximo tragico), não têm, a nosso vêr, razão de existir, admittindo a posição vertical da pedra. Assim, a opinião do sr. Possidonio da Silva, de que este penedo lavrado é um cippo ou estella funeraria romana não nos parece justificavel.

Na conferencia de 9 de junho alguem affirmou ser nossa opinião que os rochedos esburacados da Citania testemunhavam influencias dolmenicas, e tinham relações com os dolmens tão condensados no sul do paiz, e não muy raros no resto d'elle. Ora, no principio da visita, quando se nos mostrou o primeiro rochedo esburacado, duvidámos até em attribuir a causas artificiaes taes excavações ou rebaixamentos. A unica difficuldade que logo expozemos está em admittir que as causas naturaes abrissem taes buracos estando a lage ergnida; mas admittida a deslocação, o horizontalismo, as causas naturaes, as correntes trazendo arêas em suspensão, cahindo e remoinhando, bastavam de certo a explicar a excavação. Vimos depois o «penedo da moura», enorme pedregulho cuja face infe-

rior, facia da e não tosea, que fórma o tecto d'uma gruta baixa, tem duas grandes excavações profundas, irregulares, communicando entre si superiormente: as causas naturaes não podem explicar tal excavação na posição actual da rocha; e é difficil admittir que houvesse deslocação: logo, os dois grandes buracos foram abertos pela mão do homem. Soubemos depois que no monte da Saia existe um penedo chamado vulgarmente o «sino do mouro», tambem com excavações irregulares, com a abertura para baixo. Convencemos-nos pois, que taes penedos furados são devidos ao homem; estão, porém, muito e muito afastados dos dolmens. Quem furou estes penedos tão rudemente? não sabemos. Os habitantes gallaicos das Citanias? não é provavel, o seu trabalho, ainda que barbaro, não deixa conceber tal rudeza. E quem fez o trabalho de Anciães, e outros do alem-Douro? outros primitivos habitantes anteriores a gallaicos, povos anonymos que estanciaram por estes territorios, precedendo tambem os gallaicos na preferencia das alturas, pois as razões de defesa seriam iguaes para todos. Demais, e para concluir estas observações já extensas, creio que se nas diversas «citanias» se realizarem explorações methodicas e scientificas hão de resaltar variantes accusando gradções de progresso, talvez outras influencias estranhas como, segundo consta, está acontecendo já com a chamada Britonia de Vianna do Castello (h).

SOBRE OS OBJECTOS D'ARTE ACHADOS
NA CITANIA DE BRITEIROS

Nas excavações effectuadas n'estas ruínas, agora tão falladas, teem sido descobertas muitas antigualhas, louças, esculpturas, utensilios, etc. A celebre «pedra formosa», vasta ara ornada de lavores, era ha muito conhecida, e estava ha pouco ainda na egreja de Briteiros, sendo removida para o alto da Citania, seu antigo lugar, a expensas do sr. Martins Sarmento.

A «pedra formosa» é verdadeira maravilha entre aquellas ruínas, e um dos monumentos archeologicos mais valiosos em Portugal, e talvez na península. Não trataremos porém agora senão dos outros vestigios. Louças de variadas argillas e fabricos, com ou sem lavores, pedras graníticas com esculpturas e ornatos, uma pequena estatua grosseira, objectos de bronze e ferro revelando maior ou menor adiantamento artistico, pedras com inscripções, e signaes cavados em certas rochas ou mesmo nas pedras das paredes, eis os muitos objectos que chamam e captivam a miuda attenção do visitante. A primeira noção resultante do exame de taes vestigios é de que pertencem elles a varias civilisações. Encontram-se ali objectos, poucos, que revelam gosto, apuro, meios de trabalho, a par de outros, em grande maioria, que denotam atraso enorme. Mesmo para o espirito pouco ha-

bituado ao exame de antiguidades resalta ahi o lavor grego, o romano, e o pre-historico, isto é, o desconhecido, o que não offerecendo analogias com os mais sabidos parece indiciar outros povos e outros estados de civilisação, e, note-se já, é este o que fórma o verdadeiro fundo sobre o qual, por assimdizer, fluctuam os restos das artes mais adiantadas.

Surge pela desproporção numerica entre umas e outras antiguidades a idéa de que este povo citanico por muito tempo aqui habitou, recebendo por accidente, e em curtos prazos, as influencias dos visitantes ou conquistadores do seu territorio.

Em muitas outras ruinas se encontram a par vestigios de varios povos, e não devemos admirar-nos de tal, porque temos provas de que, no alvorecer dos tempos historicos na peninsula, aqui viveram em contacto intimo povos de origem diversa. Celticos se alliaram a ibericos; gregos, phenicios, carthaginezes conviveram em estreitas relações com elles, sobre todos se alargou a grande alluvião romana formando assim a base tão concreta e heterogenea do povo peninsular, com os seus variados costumes e especial caracter que ainda hoje traduz a multipla origem.

Nas ruinas do Cêrro de los Santos, em Montealegre (Hespanha), descobriram-se vestigios romanos a par de outros que revelam mui terminantemente influencias egypcias, gregas, etc.

É do eminente erudito Rada y Delgado a no-

ticia sobre estas antiguidades publicada no «Museu español de antigüedades»; ahi, muito minuciosamente, com interessantes observações, nos descreve elle os restos achados em Montealegre.

Sobre um monte pouco elevado revelou a excavação um templo rectangular com seu vestibulo, cuja disposição e construcção indicam origem greco-primitiva. Em volta encontraram-se em grande numero estatuas, louças, ornatos, e varias inscripções.

Estas inscripções, pelo sr. Rada y Delgado interpretadas com muita sagacidade, levantam um pouco mais o véu dos cultos religiosos dos primeiros desbravadores do solo hispanico.

Mas o que no momento actual pretendemos accentuar é o facto incontestavel de nas ruinas d'este sanctuario se toparem a par vestigios de povos mui diversos.

O mesmo acontece nos «castros» e «coroas» de Galliza, ultimamente visitados tambem! Os castros gallegos são verdadeiros logares fortificados; em muitos se reconhecem ainda cercas e fossos. Os povos escolhiam de ordinario as eminencias mais abruptas e defensaveis e ahi agrupavam as suas rudes moradas. Em alguns descobrem-se fornos e vestigios de fundição. Em quasi todos, entre muitos restos que se podem dizer pre-historicos, se encontram outros romanos, phenicios, etc.

Entre estas antiguidades e as agora assignaladas no Minho ha estreitas relações; revelam ellas que em todo o pitoresco e accidentado terri-

torio acima do Douro se estabeleceram povos, em origem e viver analogos. As conhecidas estatuas graniticas chamadas gallaicas e achadas em varios pontos de tal territorio, mostram uma certa uniformidade nas vestes, nas armas, e na arte dos povos que ali estacionavam sob o dominio romano.

As esculpturas da Citania, porém, só se lhes parecem na rudeza e ingenuidade de trabalho.

A triplice muralha ou antes trincheira que cerca o alto cabeça citanico, é sem duvida do mesmo systema das «coroas» gallegas, mais vasta porém, pois n'estas as cêrcas medem duzentos a quatrocentos metros, em geral, e na Citania a cêrca externa attinge um desenvolvimento de tres kilometros talvez.

Tambem aqui se encontram, especialmente no largo espaço comprehendido entre as cêrcas media e exterior, muitas escorias de ferro e madeiras carbonisadas, mas até agora se não mostraram ainda vestigios de fornos.

No Minho, o ruido levantado pela exploração da Citania, tão habilmente feita sob a direcção de seu proprietario, o sr. Martins Sarmento, archeologo distinctissimo que reune aos seus muitos mercimentos a vantagem de fazer explorações nas suas proprias terras, chamou as atenções para muitos outros sitios onde ou pela tradição, ou por factos recentes se julga existirem vestigios de antigos povos. Assim se teem já feito reconhecimentos no monte de Santa Luzia, sobranceiro a Vianna do Castello, e se apontam os cabeços da

Corrilhã, do Monte da Saia, de Roriz, etc., como mostrando ainda restos de cêrcas e de habitações circulares.

Estas moradas redondas, não subterrâneas, construídas de pedras, umas com os seus duplos muros que parecem destinados a formar galeria de entrada estreita e baixa, outras sem vestígio de entrada, indicando ter ella sido aberta superiormente, ou pelo menos a certa altura; estas com pedras erguidas ao centro lembrando lares centrais, ou restos de esteios dos tectos cônicos, outras sem taes vestígios, estabelecem também diferenças entre a Citania e os castros gallegos. Mas aqui ao lado das casas redondas, que teem a maioria, apparecem outras em quadrilongo, outras em que o semicírculo se liga ás paredes rectas, como acontece nos castros do além-Minho.

Entre os achados mais notáveis do sr. Sarmiento existe um em extremo singular: um pequeno busto de barro fino, bem conservado, de perfeito trabalho; as feições bem definidas; os olhos bem cavados; o nariz pouco saliente e largo, os maxillares muito accentuados e robustos, os lábios grossos, salientes um tanto; no todo, perfeitamente conseguido, o tom immovel, solemne, hirto que logo recorda a arte egypcia. Sobre o rosto, e pendendo aos lados releva-se bem um toucado ornado mui parecido aos «pschent» do Egypto.

Do Cêrro de los Santos ha muitos achados egnaes, alguns importantissimos; mostram analogias egypcias, excepto porém nos rostos que, se-

gundo Rada y Delgado, offerecem semelhanças notáveis com o actual povo murciano dos arredores, onde é vulgar o esvelto typo grego.

Como se vê ha entre todas estas antiguidades pontos de contacto e logo pontos de divergencia. Não se póde esquivar o espirito a admittir povos diversos, localisados em tão largos tempos que atingiram diversos gráus de civilisação, e cada um soffrendo as influencias dos muitos exploradores da peninsula nas épocas pre-romanas. E não deve isto causar surpresa, por isso que nos habitantes da peninsula em tempos ainda mais remotos, nos dos monumentos megalithicos, nos das edades de pedra polida, de cobre, e de bronze, havia já divergencias profundas na arte, no viver, nas habitações, e na distribuição geographica.

INSCRIÇÕES LAPIDARES NA CITANIA DE BRITEIROS

Em indagações archeologicas teem sempre a primazia as inscrições: por ellas chega até nós a palavra do povo desaparecido: como a arma, o utensilio, a lança pódem mostrar usos, meios e costumes, como a ornamentação revela o grau de cultura, o gosto, indicando frequentes vezes com segurança as relações, as mutuas influencias de povos diversos, a inscrição sobe ainda de interesse, porque ahi póde o indagador encontrar nomes de individuos, de familias, de deuses, de povoados; e tambem, pela fórma dos caracteres, chegar á determinação de épocas. como o paleographo sem

duvidas marca a data approximada dos velhos pergaminhos.

São muitas as pedras lavradas que a excavação tem revelado na Citania de Briteiros: os rudes habitantes sabiam faciar regularmente o granito e ornavam com frequencia uma das faces da pedra: como todos os povos das civilizações primitivas tinham a mania da ornamentação: não causa isto estranheza: os indigenas americanos, africanos ou polynesicos, tão separados pelo espaço e pela raça, ornamentam as armas, os utensilios, e tão longe levam esta tendencia que até na propria pelle usam singulares desenhos e pinturas.

Na Citania deparam-se dezenas de «fusiolas» que semelham no aspecto grandes contas de barro, ou espheroides perfurados e ornados: são meros objectos de enfeite, e ainda hoje no uso do autocthone da America meridional.

De muitas das pedras lavradas não é facil indicar o destino especial; é mesmo admissivel que muitas o não tivessem. Algumas eram certamente padieiras ou vergas das entradas d'aquellas exquisitas habitações circulares ou ovaes; outras seriam pedras de sacrificio especiaes ou familiares como parecem indicar os fundos sulcos que lhes rasgam as faces lavradas. Os ornatos d'estas pedras tem entre si muitas analogias: o trabalho é identico; umas offerecem circulos, outras linhas symetricas: os circulos, ora cortados por tres diâmetros formando rosetas hexagonaes regulares, ora do centro partem tres, ou quatro curvas, no

mesmo sentido, que vão confundir-se na circumferencia. De todas as pedras lavradas a principal é a «formosa», já descripta por pessoa muito competente no Boletim Archeologico.

Extremamente curioso o fragmento granitico em que apparece o nome «camal». Julga-se ser uma das taes padieiras; talvez da habitação d'um chefe citaniense. A pedra tem lavores eguaes ao da «formosa». Outra, encontrada posteriormente a 9 de abril, dia em que visitámos Briteiros, mostra outro «camal», e a propria inscripção o seu destino.

CORONERI | CAMALI | DOMVS

Finalmente em varios fragmentos de argila observam-se, em bellos caracteres, n'um ARG; n'outro CAMAL, no terceiro póde lêr-se, sem duvidas, embora fragmentado, ARG-CAMAL. Referem-se pois estes restos a individuos diversos, d'uma só «gentilitas» talvez.

Este nome Camal, ou Camalus na sua fórmula latinisada, era já conhecido; ha testemunhos d'outros e de logares não afastados de Briteiros. O sr. dr. Pereira Caldas (Noticia archeologica das Caldas de Vizella) publicou a seguinte inscripção:

MEDAM | VS.CAMAL | BORMANI | CO.V.S.L.M.

De S. Martinho de Dume existe outro.

CAMALO. MELGAECI | FILII. BRACARA | AVGVSTANO

SACERDOTI | ROMAE. AUG. CAESARUM | CONVENTVS

AVGVSTANVS

Ainda n'outra inscripção apparece este nome. mas como de povoado ou «vicus».

IOVI | OPTVMO | MAXVMO | VICANI | CAMALO | C.IN

Alguns concluíram d'esta a existencia d'uma cidade: segundo porém escreve o sr. dr. Hubner (Noticias archeologicas, pag. 20) «não é possível restabelecer com certeza o nome de «vicus camaloe . . . de que erradamente Jordano quiz fazer uma cidade Camala».

É certo todavia que a palavra apparece entre celticos, empregada em designação locativa. Na Britannia encontra-se Camalodunnm, hoje Colchester, onde Clandio fundou uma colonia romana.

Alem das inscrições em caracteres romanos apparecem em Citania outras em letras não conhecidas. Vieram engrossar estas o numero já muito avultado de letreiros na peninsula iberica rebeldes a interpretações dos mais sagazes sabedores. A mais importante, ou melhor a mais vasta, tem, me quer parecer, analogias frisantes com a inscripção de Torrozele. Assim ás inscrições chamadas celtihericas de Ourique, á de Lamás de Molledo que dizem celtica, em caracteres latinos, ha agora a juntar a citaniense: todas diversas entre si, devidas certamente a povos mui diversos tambem, cada uma novo problema para investigação definida.

As nossas forças permitem-nos apenas o apontar, e seguindo a indole d'esta publicação, limitamo-nos a registar methodicamente alguns dados e documentos.

No Minho proseguem, segundo lemos, as investigações archeologicas, suscitadas pelo exito

do eminente explorador da Citania de Briteiros, o sr. dr. Martins Sarmiento.

Nenhum enthusiasmo mais digno de animação.

No Monte de Santa Luzia, a exploração restitue á luz do dia e da sciencia muitos restos de identica civilisação; e ainda ha pouco no monte de Roriz, a sete kilometros de Barcellos, se fez um reconhecimento assaz minucioso. Tambem ahi, no sitio denominado «Monte do facho» ou «Eira dos Mouros» se mostram grandes ruinas, que o povo tem como restos d'um cidade-Sanoana, corrupção provavel de Citania, pois ao que parece este nome se applica na região minhota a todas as povoações pre-historicas. Cidania, Citania, Cinnania, Sanoana, são evidentes variantes d'um só vocabulo. Em Roriz ha casas circulares, ovaes, quadrangulares, muros, calçadas, muitos fragmentos de objectos de barro, e escorias de ferro.

Ha annos, na base do monte, foram encontradas duas armas de bronze (Aurora do Cavado, de 12 de junho de 1877).

Temos pois, surgindo quasi subitos muitos testemunhos dos antigos habitantes da peninsula ao norte do Douro; á povoação gallaica respeita incontestavelmente a maioria de taes vestigios.

Independente primeiro, logo soffrendo as influencias dos muitos visitantes da peninsula, domada depois pelos romanos, legou-nos testemunhos das suas diversas evoluções; e sobre elles vieram ainda n'um ou n'outro ponto depôr-se os dos tempos medievaes e modernos.

Como em certas grutas, sobre o calcareo primitivo da base irregular se foram accumulando no decorrer de muitos seculos sedimentos, concreções, e vestigios de habitantes, de tal arte que, tirado o solo recente, varridas as cinzas ainda tepidas da ultima fogueira feita pelo pastor para assar a refeição spartana, logo se topam novos restos, cinzas, terras, carvões, ossos, fragmentos de louça, e depois se encontra grossa camada de concrecionado calcareo; e rota esta, surge m á luz restos de animaes ha muito extinctos na região, acompanhados das talhadeiras de diorite, da faca de sílex, da agulha ossea, a que succede nova formação stalagmitica, que levantada ainda se acha encobrir mais antigos documentos, restos de plantas e de animaes ha largos tempos desaparecidos do globo; mostrando assim como n'aquelle lugar estreito, em periodos muito afastados, longamente separados entre si por épocas de quietação, a vida se renovou, archivando inconscientemente os testemunhos das evoluções; assim n'estas ruinas de Citánias, se mostram vestigios de varias épocas; agora o pre-historico de rudimentar industria, já o contacto d'uma sociedade estranha, logo a sujeição demorada a mais perfeita civilisação; agora a inscripção em desconhecidas letras, depois a palavra celtica a par da latina, e em latinos caracteres; quer intermittencias, quer marasmos provaveis, e alguns muito longos no seu isolamento; talvez, quantas vezes? a guerra, a devastação, alastrando ali o silencio sobre a ruina conquistada;

mais tarde o povo, o visinho, outra vez a subir o monte, procurando no cume o vasto horizonte, o ar sadio, a vigia segura, a facil defeza; por ultimo o monge medieval, que foi erguer sobre o cerro, talvez consagrado já na tradição oral, o modesto eremiterio, e abrir junto do templo a estreita sepultura sem mesmo reparar que a cavava n'uma povoação sepultada; e d'anno a anno os povoadores dos valles proximos, subindo em piedosas romagens a visitar o sanctuario da montanha. Que admira que de todos ahi restem vestigios e signaes? que ao pre-historico, ao celtico, ao grego, ao phenicio, ao romano se junte como sedimento superior o medieval, e sobre este o relativamente moderno? É naturalissimo até: para achar na ruina vestigios d'uma só civilisação, sem mistura, a velha antiguidade rigorosa, é preciso que o termo haja sido repentino, e desde esse termo nada perturbasse a paz do cadaver, é precisa a grande catastrophe, a lava de Herculanium, as cinzas de Pompeia.

Se, por exemplo, d'aqui a alguns annos, se renovarem estas pesquisas, que admirará que em Santa Luzia, na Corrilhã, etc., appareça entre os cacos e pedras, uma luneta, uma boquilha quebrada, um botão de luva, ou uma caixa de rapé, o que terá nã verdade superior tom archeologico, vestigios emfim d'algun explorador de antiguidades? Nada de pasmoso; e quem sabe quantas hypotheses, systemas e theorias, os sabios futuros formarão sobre bases d'estas? Os sabios futuros... por-

que estamos certos que entre os modernos se não poderá citar caso algum parecido.

FIM.

NOTAS

(a).—Cist—se chama a sepultura formada de 4,6, ou mais pedras grosseiramente faciaadas, encimadas por outra que protege o cadaver, tudo coberto pelo comoro de terra; frequentemente a sepultura assim formada encontra-se so. terrada sem que se possa dizer se primitivamente tinha ou não o *tumulus*; no sul do paiz tem-se encontrado em varios sitios. Nas Ferrarias e Arregata, sitios dos arredores de Aljezur (Algarve), e nas proximidades de Cabrella encontraram-se muitos d'estes *cists*. Os de Aljezur parece que eram formados invariavelmente por seis ardosias.

(b). Na Thebaida Portugueza de Fr. Manuel de S. Caetano Damasio (Lisboa, 1793), tomo 1.º pag. 2 e t. 2.º pag. 29. vem em nota uma carta de Fr. Martinho de S. Paulo em que se menciona o alojamento de S. Gens, e o castello velho. Diz que nas abas da serra d'Ossa existem varias antas, e uma que estava dentro da cerca do mosteiro fôra destruida por ordem do superior, achando-se na cova cinzas e carvões.

No texto falla de S. Gens (pag. 28) e diz : =junto á ermida uma torre de tão remota antiguidade que lhe não sabemos o principio=.

Não existem vestigios de torre, e Fr. Martinho na sua carta não falla de torre, mas sim de campo ou alojamento fortificado.

(c). Nos=Estudos de archeologia celtica=do sr. Henrique Martin, pag. 329, vem a seguinte nota: «Cenedl» significa familia, tribú ou nação: o mesmo termo serve para designar estas tres gradações da sociedade humana: *clan* ou *chlun* entre os Gaels vale o mesmo que *enedl* entre os cymricos.

(d). Na baixa latinidade chamaram frequentemente «civitas» a um grupo de logares abertos com o mesmo governo politico e militar, ficando para os eminentes e defensaveis o nome de castros e castellos. Doc.^{os} do sec. X chamam cidade de Aregia ou Anegia a um grande territorio das margens do Douro. Nos principios da monarchia é trivial darem o nome de cidade a um concelho que tinha por cabeça alguma villa acastellada. Outras vezes apparece *civitas* como synonymo de *castellum*. Elucidario de Viterbo, no termo *cidade*.

(e). Existe ainda no paiz de Gales e na ilha de Anglesey uma vaga recordação de uma raça de caçadores, anterior aos Kymri... cujas habitações arruinadas conservam tradicionalmente o nome de *casas dos Gaels*=Cyttiaw y gwyddelod, ou cyttiehr gwyadeloc. H. des Gaulois. A. Thierry. T. 1. pag. 113.

A respeito do nome Citania escreve o sr. Hübner: «O nome Cinginnia apparece nos mais antigos e melhores manuscriptos de Valerio Maximo. Antigamente lia-se Cinnania; os manuscriptos de menor valor trazem cinrانيا, cinnania, cinninia; um do seculo XV traz Cytania. Talvez que a variante Cytania deva já a sua origem a uma interpolação erudita. Arch. artistica, do sr. J. de Vasconcellos. Fasc. V. pag. 6.

A proposito transcreverei a passagem de Valerio Maximo.=Hujus mentio mihi subjeit quod adversus D. Brutum in Hispania graviter dictum est referre. Nam cum se

ei tota pene Lusitania dedidisset, ac sola gentis hujus urbs Cinania pertinaciter arma retineret, tentata redemptione propemodum uno orè legatis Bruti respondit, ferrum sibi a maioribus quo urbem tueretur, non aurum quo libertatem ab imperatore avaro emerent relictum. Melius sine dubio, homines nostri sanguinis haec dixissent quam audissent, sed illos natura in haec gravitatis vestigia deduxit. Val. Max. De factis dictisque memorabilibus. Liv. VI. Externa. cap. 642. De populo Cinaniensi.

(f). Querem alguns ver nos cordões que molduram a cavidade circular o simbolo dos tres circulos concentricos. Nos Triel Barddas traduzidos pelo grande Adolfo Pietet ha a passagem seguinte:—Ha tres circulos da existencia: o circulo da região vasia (á letra, da circumferencia vasia, *ceugant*), onde excepto Deus nada existe nem vivo nem morto, e só Deus o póde percorrer; o circulo da transmigração, onde os seres animados procedem da morte, e o homem o percorren; e o circulo da felicidade, onde todo o ser animado procede da vida, e o homem percorrerá este no céu.

(g). O sr. Hübner refere-se por duas vezes e extensamente á=pedra formosa=. Conclue:—Não é pois impossivel que a pedra fizesse parte da ornamentação de um monumento funebre colossal=. Pela leitura das sensatas observações do erudito archeologo allemão fiquei convencido de que não chegaram a Berlim informações minuciosas. Não falla o sr. Hübner dos singulares canaes convergindo a uma abertura commum na aresta superior do vão semicircular, onde existe uma goteira bem visivel na photographia: communicações abertas sob os cordões, que tem grande relevo. Na photographia são bem visiveis dois rebaixamentos symetricos, semicirculares, nos dois grandes espaços lavrados por meio de linhas cruzadas, nos dois rectan-

gulos mais proximos da grande abertura semicircular; uma excavação triangular profunda na faxa media dividida em cordões, entre os taes rebaixamentos semicirculares; logo abaixo do triangulo outra cavidade egualmente profunda, cuja reborda tem a forma de um arco com sua corda: ora estas cavidades communicam entre si, e esta ultima para o exterior por meio de outro canal sob a moldura do grande vão semicircular, terminando na goteira já mencionada. As faxas divididas em cordões teem um forte relevo; mas nos labores internos o relevo é muito menor; ora a existencia dos canaes leva-me a suppor que a posição da pedra seria horizontal, e assim antes ara de sacrificio que outra cousa; collocada a pedra na vertical, não sei de que serviriam as communicações; e por isto inclino-me ao horizontalismo. O sr. Emilio Hübner diz ainda:—Pode ser que a pedra de Coronero e mesmo a—pedra formosa—fizessem parte de sepulcros; é possível ainda que as habitações circulares, as choupanas, sejam um dia reconhecidas como taes—. Não me parece que os edificios circulares da Citania fossem sepulturas; se o fossem teriamos então no Minho extensos cemiterios callaicos, porque em varios pontos apparecem essas rudes construcções circulares; e o mesmo sr. Hübner concorda em ver na Citania uma povoação callaica—diante dos nossos olhos surge pela primeira vez na peninsula iberica um *oppidum* callaico, morada pobre e primitiva de um povo extremamente simples—. Segundo affirma A. Reville (*R. des deux mondes*, 15 agosto 1877) ainda hoje se usam em alguns sitios montanhosos da França casas redondas, sem janella, cobertas de colmo.

(h) O sr. Martins Sarmiento nas recentes explorações do Sabroso, proximo da Citania de Briteiros, tem encontrado vestigios que denotam antiguidade superior á dos citanicos.

OBSERVAÇÕES

I

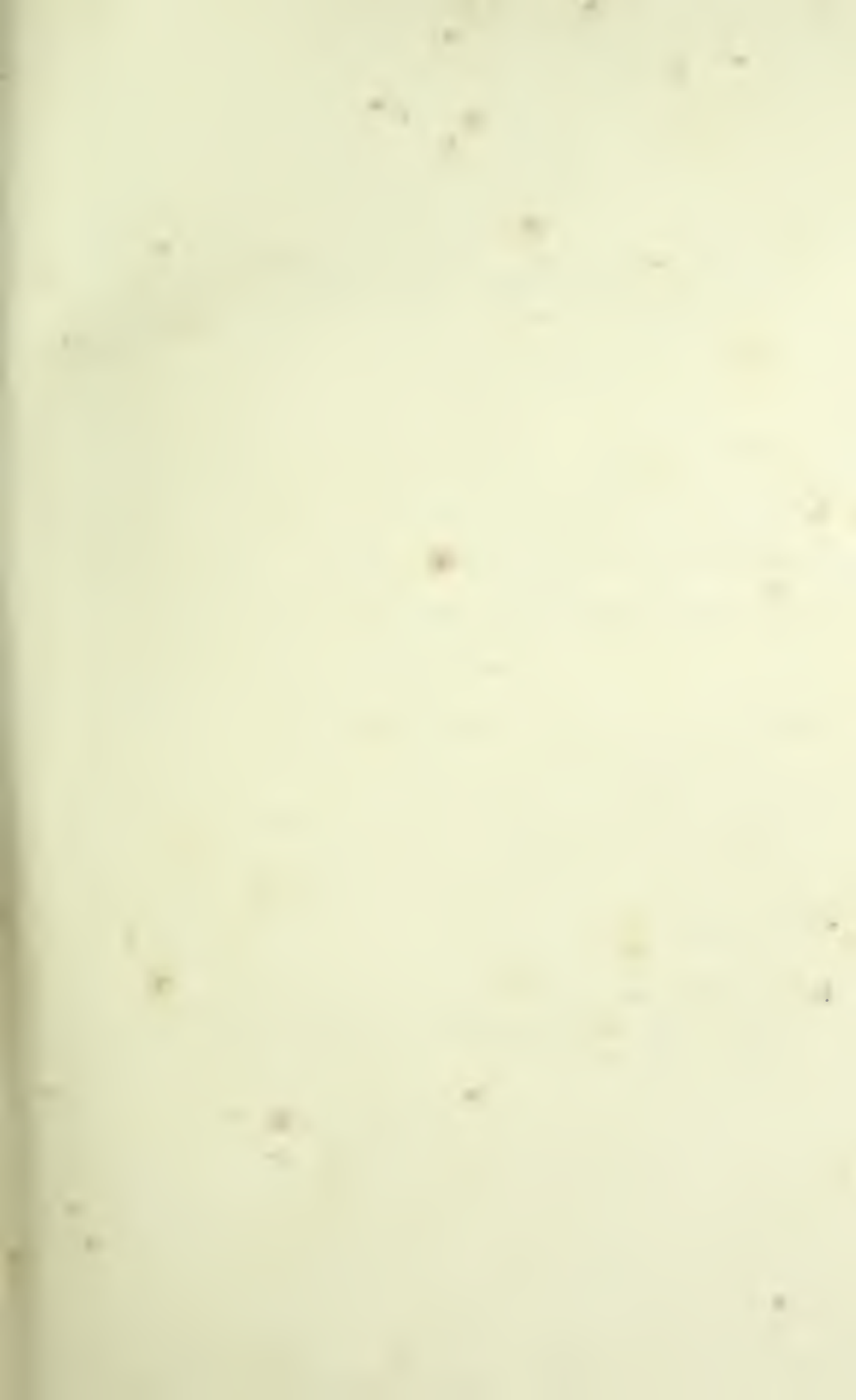
O sr. Joaquim de Vasconcellos, que tantos serviços está prestando às artes e à archeologia, traduziu ultimamente dois artigos do sr. Emilio H.uer, sabio professor na Universidade de Berlim. erudito eminente e mihi dedicado às antiguidades da península hispanica, sobre a Citania de Briteiros, e com elles formou o 5.º fasciculo da Archeologia artistica (Porto, 1879). Prefaciando a versão menciona o sr. J. de Vasconcellos o meu nome, affirmando conservar-me em divida para com a sciencia e o paiz. Eu não assisti às conferencias de Citania e Guimarães em junho de 1877; visitei a Citania em abril d'esse anno; depois da minha visita publiquei varios artigos em diversos jornaes, talvez pouco vulgarizados; tres d'esses artigos são agora aqui reunidos: o primeiro foi publicado na Gazeta Setubalense de 1878, e os dois seguintes no Universo Illustrado, n.ºs 23 e 32 de 1877, sendo este ultimo acompanhado de gravuras.

II

A pag. 23.

A proposito d'estes pregos notareei que em certas camaras tumulares antigas eram as paredes revestidas de placas ou laminas de bronze ou de outro metal, seguras com pregos: o musen britanico possui muitos pregos das paredes dos tumulos de Mycenae e Orchomenos. Não ousei porem parallelisar este facto com o da casa soterrada da Colla





DO MESMO AUCTOR

Contos singelos;—Lisboa, 1876.

Narrativas para operarios;—Lisboa, 1879.

Contos de Andersen;—(traducção) Lisboa, 1879.

Dolmens ou antas dos arredores de Evora;
—Evora, 1875.

Invasões dos Normandos na península ibérica;—(traducção do all.) Evora, 1876.

Livro 3.^o da Geographia de Strabão (1.^a parte);—Evora, 1878.

Biographia de Quinto Sertorio por Plutarcho.—**A romanisação da Península;**—
Evora, 1879.